

## AVA – O POVO GUARANI: UMA BREVE E MULTIDISCIPLINAR ANÁLISE DA ESPIRITUALIDADE INDÍGENA

Marcos Paulo da Silva Soares<sup>1</sup>

*PPG-CR – UFPB/Sacratum*

**Resumo:** As nações indígenas, ao longo dos séculos, têm enfrentado lutas semelhantes. Para se averiguar isso, escolheu-se os Guarani a fim de compará-lo com a também sofrida história vivenciada por seus irmãos Tabajara e Potiguara. Há divergências e semelhanças entre esses povos? Quais são? Realizada as comparações, os Guarani históricos são contrastados aos Guarani descritos no poema O Uruguai, de Basílio da Gama, escrito em 1769. Esta obra faz parte do arcadismo brasileiro, mas que trouxe inspiração a autores da Primeira Geração Romântica. Na análise de O Uruguai, trabalham-se elementos os ritos, mitos e outros elementos da espiritualidade indígena seguindo os autores: Barcellos (2012), Boff (2001), Chamorro e Graciela (2008), Clastres (1990), Eliade (2013), Farias e Barcellos (2015) e Vilhena (2005). A edição de O Uruguai usada foi retirada do site <http://dominiopublico.org.br>.

**Palavras-chave:** *Espiritualidade, Guarani, O Uruguai, Potiguara, Tabajara.*

### Introdução

*Jyoy'i na Nhanderuete ojapo raka'eya ha'e yvy<sup>2</sup>*

O presente artigo nasceu das aulas do professor Doutor Lusival Barcellos, na disciplina Rito, Mito e Espiritualidade Indígena, no curso do mestrado em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, no semestre 2017.2. Elegeu-se o drama indígena enfrentado pelos Guarani a fim de compará-lo com a também sofrida história vivenciada por seus irmãos Tabajara e Potiguara.

Quais as divergências e as semelhanças entre a história Guarani e a história dos Tabajara e Potiguara? Trabalham-se as aproximações/distanciamentos entre esses povos indígenas, lembrando que ambos fazem parte do grande tronco-linguístico Tupi-Guarani (estes pertencem ao ramo Tupi). Encerradas as comparações, o quadro acerca dos Guarani históricos pode ser agora emparelhado com a visão do colonizador, através da análise de trechos do poema O Uruguai, de Basílio da Gama.

Caricaturado, mas a frente de seu tempo, esta obra faz parte do arcadismo brasileiro. Contudo, seus contornos já se aproximam da ideologia romântica e inspiram muitos autores

<sup>1</sup> Licenciado em Letras-Português pela Universidade Federal do Ceará, Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo e Mestrando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Tradução de Gênesis 1,1 em Guarani M'byá: "No princípio, criou Deus os céus e a terra".

da Primeira Geração Romântica. Na análise de O Uruguai, trabalham-se os ritos, mitos e outros elementos da espiritualidade indígena. A principal base teórica utilizada traz Barcellos (2012) como fonte sobre os Potiguara; e, Farias e Barcellos (2015), sobre os Tabajara. Quanto aos elementos mais amplos de rito e mito, tem-se Boff (2001), Eliade (2013) e Vilhena (2005). Sobre a espiritualidade guarani consultou-se Chamorro e Graciela (2008) e Clastres (1990). A edição de O Uruguai usada foi retirada do site <http://dominiopublico.org.br>.

## 1 Os Verdadeiros Ava: identidade, lutas e religiosidade

*Iporã, hatã há'agaa ndaovaiguáí<sup>3</sup>*

### 1.1 Identidade e lutas Ava

A presença indígena na formação do povo brasileiro e de seu imaginário é cada vez mais sentida e apresentada, ainda que de forma tímida, no meio acadêmico. No entanto, isso não lhe diminui em nada a importância; demonstra, pelo contrário, a grande dívida que os descendentes diretos e indiretos destes têm com sua herança étnico-cultural. Farias e Barcellos (2015) comentam sobre a “contribuição cultural construída milenarmente para a sociedade não índia” inspirando o estudo desse “rico imaginário que compõe o universo mítico, cultural e religioso” dos povos indígenas (p.21).

Os Guarani,<sup>4</sup> ainda que sejam um dos primeiros povos indígenas a serem contactados após a chegada dos europeus na América do Sul, mantêm sua identidade linguística – muitos são bilíngues (falam guarani e espanhol ou português). No Brasil, afirma a organização *Survival International*, “vivem atualmente cerca de 51.000 índios Guarani, em diferentes estados,<sup>5</sup> tornando-os a etnia mais numerosa do país”. Eles se dividem em três grupos: Kaiowá, Ñandeva e M'byá,<sup>6</sup> dos quais o maior é o Kaiowá, que significa ‘povo da floresta’ (SURVIVAL INTERNATIONAL, 2017).

---

<sup>3</sup>“És belo, és forte, impávido colosso”, literalmente É bonito, é forte, a imagem é incomparável. Hino Nacional Brasileiro em Guarani, tradução feita por TuKumbó Dyeguaká (Violonista Robson Miguel) e Karay Tata' Endy (Basílio Silveira).

<sup>4</sup> “Devido à divergência regional, esse povo é conhecido por distintos nomes no País: Chiripá, Kaingá, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembkuá, entre outros. Contudo, sua autodenominação é Avá, que significa, em Guarani, “pessoa” (fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/infograficos/dia-do-indio/>, acesso em 01 nov 2017). Daqui por diante, alternar-se-á entre os gentílicos guarani e ava (ou avá).

<sup>5</sup> Espalhados nos estados de Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pará e Tocantins (fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/infograficos/dia-do-indio/>, acesso em 01 nov 2017).

<sup>6</sup> Os dialetos guarani *Ñandeva* (ou *Nhandeva*) e *M'byá* (ou *Mbya*), segundo o IBGE, estão entre as línguas indígenas mais significativas no conjunto das línguas mais faladas nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste

Clastres faz um comentário peculiar sobre essa nação indígena:

Estranha existência a deles. Agricultores de queimada, a mandioca e o milho de suas plantações asseguram-lhes, bem ou mal, sua subsistência. E, quando precisam de dinheiro, alugam seus braços aos ricos exploradores madeireiros da região. Uma vez decorrido o tempo necessário à aquisição da soma desejada, voltam silenciosamente às estreitas trilhas que se perdem no fundo da floresta. Pois a verdadeira vida dos índios guarani desenrola-se não às margens do mundo branco mas muito longe, onde continuam a reinar os antigos deuses, onde nenhum olhar profanador do estrangeiro de boca grande corre o risco de alterar a majestade dos ritos (1990, p. 9-10).

O interesse desse artigo por essa etnia vem dessa luta pela preservação de sua identidade, luta similar e proporcionalmente experimentada pelos povos Potiguara e Tabajara. Quanto aos primeiros, sua

“terra está deixando de ser local sagrado para ser campo de disputas econômicas. A presença constante do não-índio, com intenção capitalista, acaba incutindo no índio uma outra maneira de pensar, criando no seu imaginário o sonho de possuir bens para o seu conforto de maneira fácil” (BARCELLOS, p.110).

Quanto aos últimos, submeteram-se “a um processo de negação de identidade com receio de mais opressão”, pois muitos foram presos e para que fossem libertos tiveram que transferir suas terras para as ricas fábricas da época, tais como a Companhia de Tecidos Paulista (CTP/Pernambuco) e a Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT/Paraíba) (FARIAS e BARCELLOS, p. 91).

Conforme seus parentes, os Guarani, lotados em reservas minúsculas, com terríveis consequências sociais, “têm tentado recuperar pequenas parcelas de suas terras ancestrais<sup>7</sup>. Estas ‘retomadas’ têm sido violentamente resistidas pelos agricultores poderosos que hoje ocupam a região”. Entre essas comunidades que lutam por aquilo que já é seu, está Ñanderu Marangatu, cujo tamanho previsto por lei é de 9.000 hectares. Contudo, dessa mesma terra, “eles foram expulsos por pistoleiros contratados por fazendeiros em 2005. Com incrível coragem, a comunidade voltou” (SURVIVAL INTERNATIONAL, 2017). Assim, os povos indígenas têm sofrido ataques de vários atores sociais (BARCELLOS, 2012), ou seja, algo ou alguém que representa ou encarna um papel ou uma ideia dentro de uma trama de relações (SOUZA, 1991). Assim, legisladores, políticos, polícia, fazendeiros que se apoderam de forma (i)lícita, tais como *compra*, *arrendamento* ou *tomada a força* são atores sociais.

Adiciona-se à violência física, a ação do capitalismo e da globalização que, por meio do crescimento, ora desordenado ou não, das cidades e agroindústrias, tem invadido o solo

---

(fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/9890-ibge-lanca-atlas-nacional-digital-do-brasil-2016-com-mapas-interativos-e-caderno-tematico-sobre-indigenas.html>, em 28 out 2017).

<sup>7</sup> Mais de 80 novas plantações de cana-de-açúcar e usinas de álcool estão previstas para o Mato Grosso do Sul, muitas das quais estão sendo construídas em terra ancestral dos Guarani (SURVIVAL INTERNATIONAL, 2017).

sagrado de diferentes grupos indígenas. Tudo isso contribui com a mudança da identidade cultural e do modo de vida indígena (PACHECO DE OLIVEIRA e FREIRE, 2006). Esse dado é corroborado por Farias e Barcellos: “Populações indígenas foram expulsas definitivamente dos seus territórios e os aldeamentos extintos cederam lugar a povoados e latifúndios, ocupando-se sumariamente as terras dos nativos para fins comerciais, lucrativos” (p. 109). Assim, qualquer que seja a etnia indígena os problemas são bem similares.

## 1.2 Religiosidade Ava

Voltando a discussão sobre o termo mítico acima descrito, ele deve ser compreendido tal como “as sociedades onde o mito é – ou foi, até recentemente – “vivo” no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência” (ELIADE, p. 8). O povo Guarani, como os Tabajara e os Potiguara, preserva essa característica ainda hoje.

Há conceitos guarani que serão agora tratados por serem muito importantes para compreender muito da espiritualidade desse povo. Eles são o contraste/a complementaridade entre *oréva* e *ñandéva* e o conjunto formado pelas palavras *ñe’ẽ*, *ayvu* e *ã*. Quanto ao primeiro conceito, ambos apontam para o equivalente português: “nós”. Contudo, diferem entre si pela oposição inclusão x exclusão. *Oréva* é o “nós” exclusivo, sem o outro exterior, ou seja, os não parentes, os que não residem no mesmo local e até os estrangeiros. Já *ñandéva* é o “nós” inclusivo, com o outro estrangeiro incorporado. Esse termo fala da solidariedade entre as comunidades diante de um problema comum (CHAMORRO e GRACIELA, 2008).

No último termo, incluíram-se os missionários franciscanos e jesuítas que chegaram a ser identificados por muitos *ava* como *karai*, pajés (*idem*, p. 52). Ambos os conceitos demonstram o reconhecimento de uma outra sociedade “na” e “ou à margem da” qual, os guarani viviam. Diante dessa outra sociedade, sua nação indígena devia se afirmar e se distinguir. O uso dessas categorias variava entre os três grupos representantes dessa etnia: os M’byá enfatizavam mais o *oréva*; os Ñandéva, a posição homônima a seu grupo; e os Kaiowá, praticavam a forma moderada, ou intermediária.

O segundo conceito essencial à compreensão da espiritualidade desse povo envolve os termos: *ñe’ẽ*, *ayvu* e *ã*. Estes podem ser traduzidos como palavra, voz, fala, linguagem, idioma, alma, nome, vida e até personalidade. Todos esses termos enfocam a essência espiritual dos *ava*. A ligação entre palavra e ser animado é visível em várias expressões nas quais o radical *e-* (o verbo dizer, no dialeto m’byá) desempenha um papel decisivo: (1) os que fazem invocações para salvar um moribundo da morte (*eepyá*) e os que nomeam uma criança



(*ery mo' a'a*). “As experiências da vida são experiências da palavra” (CHAMORRO e GRACIELA, p. 56). Ao morrer, a pessoa torna-se um *devir* (-*kue*, -*ngue*), um não ser, uma-palavra-que-não-é-mais (*nẽ'ẽngue*, *ãngue*), um ex-lugar, que, muitas vezes, prefere-se esquecer, fazendo de conta que ele nunca existiu (*idem*).

Ainda sobre a espiritualidade guarani, a *Survival International* afirma:

O ideal da ‘terra sem males’ é presença constante na cultura dos índios Guarani, que buscam um lugar, anunciado por seus ancestrais, onde as pessoas vivam livres de dor e sofrimento. Ao longo dos séculos, os Guarani percorreram vastas distâncias em busca da ‘terra sem males’. Um cronista do século 16 registrou que os Guarani possuem o ‘constante desejo de buscar novas terras, nas quais eles imaginam que vão encontrar a imortalidade e a facilidade perpétua’. Essa busca permanente é indicativa da característica única dos Guarani, ‘um traço distinto’ deles que tem sido frequentemente observado por aqueles que não fazem parte de sua cultura (2017).

Esse “traço distinto” guarda elementos míticos e escatológicos<sup>8</sup> como “um lugar... onde as pessoas vivam livres de dor e sofrimento” e “a imortalidade e a facilidade perpétua”. Tal é comentado por Eliade:

Um exemplo particularmente notável é o dos índios Guaranis do Mato Grosso. Sabendo que a Terra seria destruída pelo fogo e pela água, eles partiram em busca da “Terra sem Males”, espécie de Paraíso terrestre situado além do Oceano. Essas longas migrações, inspiradas pelos pajés e efetuadas sob sua direção, tiveram início no século XIX e prosseguiram até 1912 (p. 56).

Essa peregrinação é denominada, por Vilhena (2005), de ritos deambulatórios<sup>9</sup>. Neles, o peregrino tem a certeza de, ao fazê-lo, “estar em um lugar diferente de todos os demais, lugar originário, saturado de sacralidade, que transborda em forma de bênçãos, graças”. O imaginário indígena aqui, como diz Barcellos, “tem a capacidade de realizar o milagre da vida através da fé” (p. 150). Além disso, essa é também uma manifestação da espiritualidade indígena que, embora não única, inspira a capacidade de *autotranscender-se* como ser humano (BOFF, 2001).

---

<sup>8</sup> Conceito tirado do cristianismo, escaton significa últimos, e logia, estudo. Assim, o termo se refere aos assuntos que envolvem os “o estudo dos últimos dias” do mundo como o conhecermos ou do fim dos males, da morte, da miséria.

<sup>9</sup> Originário do latim *ambulatorium*, significa local para andar, deambular.

## 2 Os Fictícios Ava sob a ótica do colonizador: identidade, lutas e religiosidade

*Ko Yuy Ra'y kuery Gui xy Marangatu*<sup>10</sup>

A obra *O Uruguai*, de Basílio de Gama, foi escrita em 1769. Como um poema épico, conta de forma romanceada a história da disputa entre jesuítas, índios e europeus (espanhóis e portugueses) na região de Sete Povos das Missões, no atual estado do Rio Grande do Sul. Diversas características em *O Uruguai* mostram como esta era uma obra a frente de seu tempo (quebrando muito da performance árcade e aproximando-se da ideologia romântica). Dentre elas: o poema é composto por apenas cinco cantos, apresentando 1377 versos brancos (isto é, sem rima) e narrando um episódio histórico muito recente. A obra é dedicada a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do futuro Marquês de Pombal.

É necessário falar um pouco mais sobre o gênero literário poesia épica. Também chamado de epopeia, nele se incluem poesias narrativas mais ou menos breves, as quais revelam ecos com as ações heroicas no que se refere a sua constituição formal. Os fatos narrados não reproduzem fielmente a realidade, apesar de terem alicerces que se sustentam na História. Normalmente estes eventos são envoltos em concepções edificantes e em ações modelares que atuam como padrões comportamentais. Além disso, nela o herói ganha uma estatura praticamente sagrada, assim ela mimetiza os indivíduos mais elevados em verso (SANTANA, 2017).

Embora haja a idealização dos personagens indígenas, isso não retira da descrição dos fatos sua verossimilhança com a realidade, ou seja, “a coerência relativa, semelhante à que preside os eventos da vida diária” (MOISÉS, p. 90). Acrescente-se a isso que o texto em análise, *O Uruguai*, é um exemplo de texto poético “em que o pormenor narrativo supera o fluxo poético propriamente dito” (*idem*, p. 45). Assim, as descrições quanto à identidade, às lutas e à religiosidade guarani apresentadas serão tomadas como reais, pelo menos, pela descrição literária de Basílio da Gama, ainda que seja (1) fruto da observação do colonizador, (2) uma recriação literária e (3) o autor não tenha usado nenhuma técnica de observação antropológica ou das Ciências das Religiões, como hoje seria feita a descrição da religiosidade *ava*.

---

<sup>10</sup> “Dos filhos deste solo és mãe gentil” literalmente “Dos filhos desta terra é mãe gentil”. Hino Nacional Brasileiro em Guarani, tradução feita por TuKumbó Dyeguaká (Violonista Robson Miguel ) e Karay Tata' Endy (Basílio Silveira).

## 2.1 Identidade e lutas Ava

No diálogo entre o General e o Cacique Cacambo, no Canto II,<sup>11</sup> versos 40-45, foram feitos os seguintes recortes a fim de melhor compreender a figura do líder indígena e as intenções lusitana e indígena presentes no discurso de ambos. O Cacique apresentado acima é um dos dois mais nobres guarani: “Por mandado dos seus, dois dos mais nobres/ Sem arcs, sem aljavas; mas as testas/ De várias e altas penas coroadas,/ E cercadas de penas as cinturas,/ E os pés, e os braços e o pescoço. Entrara/ Sem mostras nem sinal de cortesia” (GAMA, p. 7). Esse envio ratifica a opinião de Barcellos sobre a figura do líder indígena ser muito importante, “uma vez que ela passa a imagem do índio, que é a imagem ideológica das aspirações que eles têm da etnia” (p. 98).

Sabe que a terra em que pisa e pela qual lutaria e luta é sua por direito, afirma isso nos versos 66-70: “[...] Se o rei da Espanha/ Ao teu rei quer dar terras com mão larga/ Que lhe dê Buenos Aires, e Correntes/ E outras, que tem por estes vastos climas;/ Porém não pode dar-lhes os nossos povos!” (GAMA, p. 7). É impressionante a semelhança com a luta travada pelos Potiguara: “A terra está deixando de ser local sagrado para ser campo de disputas econômicas. A presença constante do não-índio, com intenção capitalista,<sup>12</sup> acaba incutindo no índio uma outra maneira de pensar [...]” (BARCELLOS, p. 110). Aqui, também deve-se destacar a categoria memória. Na fala de Cacambo: “não pode dar-lhes os nossos povos!”, o saber que legitima a posse indígena da terra “é a evocação do passado [...] a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total” (CHAUI *apud* FARIAS e BARCELLOS, p. 56).

Mostrando-se partidário do movimento contra os jesuítas, Basílio da Gama fala, nos versos 90-102, através desse guerreiro, da riqueza exploratória desses sacerdotes em contrapartida da pobreza e da exploração dos índios:<sup>13</sup>

[...] Essa riqueza/ Que cobre os templos dos benditos padres,/ Fruto da sua indústria e do comércio/ Da folha e peles, é riqueza sua./ Com o arbítrio dos corpos e das almas/ O céu lha deu em sorte. A nós somente/ Nos toca arar e cultivar a terra,/ Sem outra paga mais que o repartido/ Por mãos escassas mísero sustento./ Pobres choupanas, e algodões tecidos,/ E o arco, e as setas, e as vistosas penas/ São as nossas fantásticas riquezas./ Muito suor, e pouco ou nenhum fasto (p.8).

<sup>11</sup> Sempre que um novo Canto do Poema O Uruguai for usado, ele será referido. Salvo contrário, os versos apresentados pertencerão ao Canto anteriormente mencionado.

<sup>12</sup> No período que compreende o relato do poema (entre o século XV e o final do século XVIII.), o mercantilismo era o modelo econômico adotado. Este tornou-se uma das influências do capitalismo.

<sup>13</sup> O poema é tomado fortemente pelo discurso colonialista, ou seja, pelos efeitos políticos, filosóficos, artísticos e literários desenvolvidos nesse período de dominação europeia nas Américas, na África e Ásia. O discurso pós-colonialista é formado pelos mesmos efeitos, agora, deixados pelo colonialismo nas terras colonizadas. As obras fundadoras, por exemplos das literaturas nacionais americanas e africanas, mas que se aplicam a outras áreas, dedicam grande atenção às sequelas herdadas por esses povos dominados.

Note a distribuição: “O céu lha deu em sorte” *versus* “A nós somente” (GAMA, p. 8). Sob essas efígies, realizou-se a exploração dos avas. Céu aqui é usado como metonímia para Deus para justificar que a “riqueza/Que cobre os templos” e o “Fruto da sua indústria e do comércio/De folha e peles” (*idem*) pertence aos benditos padres. Boff adverte-se sobre isso: Se a Igreja “permite que seus ritos e símbolos sejam usados e abusados no mercado religioso [...] ela se transforma em simples fetiche. Podemos até, com a religião, pecar contra Deus, e pela religião afogar a espiritualidade. Por isso é sábia a prescrição do Decálogo ao coibir, no segundo mandamento, o uso do santo nome de Deus em vão” (p. 40-41).

Seguindo em sua descrição dos povos Guarani, o autor valoriza-lhes a coragem nos versos 104-108: “[...] Não nos obrigues/ A resistir-te em campo aberto. Pode/ Custar-te muito sangue o dar um passo./ Não queiras ver se cortam nossas frechas./ Vê que o nome dos reis não nos assusta.” (GAMA, p. 8-9). No entanto, enfatizam-se também a ingenuidade indígena nos versos 112-118:

[...] Ó alma grande,/ Digna de combater por melhor causa,/Vês que te enganam:  
risca da memória/ Vãs, funestas imagens, que alimentam/ Envelhecidos mal fundados  
ódios./ Por mim te fala o rei: ouve-me, atende,/ E verás uma vez nua a verdade”  
(*idem*)

e a exploração destes por parte dos jesuítas a fim de se evitar um derramamento de sangue em vão nos versos 139-148:

[...] Vós sois rebeldes,/ Se não obedeceis; mas os rebeldes,/ Eu sei que não sois vós,  
são os bons padres,/ Que vos dizem a todos que sois livres,/ E se servem de vós  
como de escravos./ Armados de orações vos põem no campo/ Contra o fero trovão  
da artilharia,/ Que os muros arrebatam; e se contentam/ De ver longe a guerra:  
sacrificam,/ Avarentos do seu, o vosso sangue” (p. 9).

Sob esse manto protetor lusitano, esconde-se a má compreensão de que a ingenuidade indígena requer um poder legítimo (o dos jesuítas é ilegítimo) a fim de protegê-los. Uma ratificação do discurso colonialista é vista nos versos 128-140 e 149-151:

[...] Esse absoluto/ Império ilimitado, que exercitam/ Em vós os padres, como vós,  
vassallos,/ É império tirânico, que usurpam. Nem são senhores, nem vós sois  
escravos./ O rei é vosso pai: quer-vos felizes./ Sois livres, como eu sou; e sereis  
livres,/ Não sendo aqui, em outra parte./ Mas deveis entregar-nos estas terras./ Ao  
bem público cede o bem privado./ O sossego de Europa assim o pede./ Assim manda  
o rei [...]./ Eu quero à vossa vista despojá-los/ Do tirano domínio destes climas;/ De  
que a vossa inocência os fez senhores (*idem*).

Desafiando esse discurso, Boff profetiza:

Talvez seja o mandamento (o *segundo*, ênfase do autor) contra o qual as religiões mais pecam, especialmente as igrejas mediáticas. [...] Banaliza-se o sagrado, como se Deus, Jesus e as Escrituras fossem uma moeda circulante para todas as finalidades. O nome de Deus passa a ser usado para os interesses dos homens, não para os interesses de Deus, em dissonância com a natureza e do sagrado e do espiritual (p. 41).



## 2.2 Religiosidade Ava

Cacambo principia uma breve nota das crenças religiosas guarani, é o que se ouve nos versos 171-174: “Gentes de Europa, nunca vos trouxera/ O mar e o vento a nós. Ah! não debalde/ Estendeu entre nós a natureza/ Todo esse plano espaço imenso de águas” (GAMA, p. 9), mas é interrompido por Sepé, nos versos 177-188, que reforça parte das crenças guarani:

[...] todos sabem/ Que estas terras, que pisas, o céu livres/ Deu aos nossos avós; nós também livres/ As recebemos dos antepassados./ Livres as hão de herdar os nossos filhos. Desconhecemos, detestamos jugo/ Que não seja o do céu, por mão dos padres./ As frechas partirão nossas contendas/ Dentro de pouco tempo: e o vosso Mundo./ Se nele um resto houver de humanidade./ Julgará entre nós; se defendemos/ Tu a injustiça, e nós o Deus a Pátria” (*idem*).

No entanto, vale a pena destaca a intrusão de conceito da religião do colonizador (“o jugo do céu que os padres intermedeiam”; “defendemos o Deus”) na crença autóctone guarani (“a natureza estendeu”, “o céu deu”) <sup>14</sup>.

No Canto III, dois episódios demonstram a visão árcade sobre a profecia ou as visões proféticas entre os indígenas. Toma-se aqui a definição de Chauí sobre profecia: “um relato, muitas vezes, com denotação religiosa, no qual se prevê acontecimentos futuros” (*apud* FARIAS e BARCELLOS, p. 59-60). Após o desastroso confronto entre portugueses e o povo guarani, com grande perda e vergonha para esses últimos, lê-se nos versos 43-49: “Era alta noite, e carrancudo e triste/ Negava o céu envolto em pobre manto/ A luz ao mundo, e murmurar-se se ouvia/ Ao longe o rio, e menear-se o vento./ Respirava descanso a natureza./ Só na outra margem não podia entanto/ O inquieto Cacambo achar sossego” (GAMA, p. 14).

Nesse estado de desânimo, uma visão sobrevém ao Cacique conforme relatam os versos 50-78:

No perturbado sono/ (Talvez fosse ilusão) se lhes apresenta/ A triste imagem de Sepé despido./ Pintado o rosto do temor da morte./ Banhado em negro sangue, que corria/ Do peito aberto, e nos pisados braços/ Inda os sinais da mísera caída./ em adorno a cabeça, e aos pés calcada/ A rota aljava e as descompostas penas./ Quando diverso do Sepé valente./ Que no meio dos nossos espalhava./ De pó, de sangue e de suor coberto/ O espanto, a morte! E diz-lhe em tristes vozes: Foge, fuge, Cacambo. E tu descansas./ Tendo tão perto os inimigos? Torna./ Torna aos teus bosques, e nas pátrias grutas/ Tua fraqueza e desventura encobre./ Ou, se acaso inda vivem no teu peito/ Os desejos de glória, ao duro passo/ Resiste valeroso; ah tu, que podes!/ E tu, que podes, põe nos peitos/ à fortuna de Europa: agora é tempo./ Que descuidados da outra parte dormem./ Envolvem em fogo e fumo o campo, e paguem/ O teu sangue e o meu. Assim dizendo/ Se perdeu entre as nuvens, sacudindo/ Sobre as tendas, no ar, fumante tocha;/ E assinala com chamas o caminho./ Acorda o índio valeroso [...]. (*idem*)

Farias e Barcellos (2015) demonstram que não só judeus e/ou cristãos demonstravam a crença em messias, profetas e profecias. Os astecas receberam os conquistadores espanhóis

<sup>14</sup> O que reitera o discurso colonialista da obra.

como enviados de seus deuses por causa do relato de Quetzalcátl no ano Ce-Atacl. No enxerto acima, enfatiza-se os míseros sinais da queda na visão contraste do Sepé *despido* ante o Sepé *valente*. A dupla imagem do líder transforma-se em duplas vozes: a primeira de acatar o infortúnio, nos versos 63-69: “Foge, foge, Cacambo. E tu descansas,/ Tendo tão perto os inimigos? Torna,/ Torna aos teus bosques”; a outra a de extrair forças para uma última investida guarani: “Ou, se acaso inda vivem no teu peito/ Os desejos de glória, ao duro passo/ Resiste valeroso; ah tu, que podes”. As “revelações e profecias alimentam a esperança, a crença de um povo” (GAMA, p. 14).

Outro relato sobre a religiosidade extraída de O Uruguai, ocorre após a morte do esposo e cacique Cacambo, Lindoia sua esposa é recebida pela feiticeira Tanajura, nos versos 199-206.

Mas a enrugada Tanajura, que era/ Prudente e experimentada (e que a seus peitos/  
Tinha criado em mais ditosa idade/ A mãe da mãe da mísera Lindoia),/ E lia pela  
história do futuro,/ Visionária, supersticiosa,/ Que de abertos sepulcros recolhia/  
Nuas caveiras e esburgados ossos, A uma medonha gruta, onde ardem sempre/  
Verdes candeias, conduziu chorando/ Lindoia, a quem amava como filha (*idem*, p. 17).

A longeva índia (note o fato de esta ter amamentado a avó de Lindoia) é descrita por quatro adjetivos e uma oração: (1) prudente, (2) experimentada, (3) visionária, (4) supersticiosa e (5) “lia pela história do futuro” (*idem*). Todos os termos usados, descrevem ritos guarani. Apesar de que a (4) pareça ser usada mais com sentido negativo, ainda que superstição abarque o sentido de conhecimento não-científico, popular.

Observe o rio desenvolvido pela índia velha da qual a sua protegida e viúva faz parte, nos versos 222-224:

E em ferrugento vaso licor puro/ De viva fonte recolheu. Três vezes/ Girou em roda,  
e murmurou três vezes/ Co’a carcomida boca ímpias palavras,/ E as águas assoprou:  
depois com o dedo/ Lhe impõe silêncio e faz que as águas note./ [...] Aquelas águas  
fielmente pintam/ O rio, a praia o vale e os montes onde/ Tinha sido Lisboa; e viu  
Lisboa (*idem*, p. 18).

O rito como “toda forma de expressão e comunicação [...] é uma linguagem, com seus códigos, sua gramática, sua sintaxe, sua morfologia” (VILHENA, p. 57). Conforme ilustrado pelo poema, ele possui um dos quatro principais elementos naturais (“um licor puro de pura fonte que ficamos sabendo tratar-se de água” utensílio ‘sagrado’ (“vaso ferrugento”), gestos (“girar em roda”, “sopro”, “o indicar com o dedo”, “a imposição do silêncio” e “o exigir atenção”) e fórmulas (“o tríptico murmúrio de ímpias palavras”) (GAMA, p. 18). A essa prática de premonição chama-se ‘hidromancia’, adivinhação pela água.

Há também na passagem acima uma precognição que fala de uma Lisboa personificada em uma mulher que está, descrição presente nos versos 225-227: “Entre despedaçados edifícios/ Com o solto cabelo descomposto/ Tropeçando em ruínas encostar-se” (GAMA, p. 18). A figura feminina é reiterada, nos versos 229-234, pela apresentação da mesma cidade como “A Rainha do Tejo, e solitária,/No meio de sepulcros (*que*) procurava/ Com seus olhos socorro; e com seus olhos/ Só descobria de um e de outro lado/ Pendentes muros e inclinadas torres” (*idem*). A figura feminina, nos versos 234-236, é abandonada por uma mitológica masculina a de um Atlante, que embora evoque a glória lendária de Atlântida, a cidade perdida, “[...] forceja/ Por sustentar o peso desmedido/ Nos roxos ombros [...]” (*idem*). O acontecimento aqui narrado ocorre realmente e ficou conhecido como o Sismo de Lisboa de 1755<sup>15</sup>.

A situação muda, como visto nos versos 236-241, quando uma epifania surge: “Mas do céu sereno/ Em branca nuvem Próvida Donzela/ Rapidamente desce e lhe apresenta,/ De sua mão, Espírito Constante,/ Gênio de Alcides, que de negros monstros/ Despeja o mundo e enxuga o pranto à pátria” (*idem*). Não só cessa o choro, mas o ressurgir da moribunda, como descrevem os versos 250-254: “Viu Lindoia/ Do meio delas, só a um seu aceno,/ Sair da terra feitos e acabados/ Vistosos edifícios [...]/ [...] Já mais bela/ Nasce Lisboa de entre as cinzas – glória/ Do grande conde, que co’a mão robusta/ Lhe firmou na alta testa os vacilantes/ Mal seguros castelos” (*idem*).

No final do transe, há o acréscimo de mais duas predições, nos versos 311-315: “Embebida na mágica pintura/ Goza as imagens vãs e não se atreve/ Lindoia a perguntar. Vê destruída/ A República infame, e bem vingada/ A morte de Cacambo” (p. 20). E nos versos 316-317, onde a jovem viúva “atenta e imóvel/ Apascentava os olhos e o desejo,/ E nem tudo entendia” (*idem*) enquanto a longeva feiticeira encerra o rito: “quando a velha/ Bateu co’a mão e fez tremer as águas./ Desaparecerem as fingidas torres/ E os verdes campos; nem já deles resta/ Leve sinal” (*idem*).

## CONCLUSÃO

João Nogueira e Paulo Cesar Pinheiro descrevem como um libelo a situação nada romântica que paira as nações indígenas brasileiras, na faixa oito de seu CD Parceria (1994): “o nosso índio tombou”, “as matas sumindo”, “Pouca gente lutou/ Pela sua defesa”

---

<sup>15</sup> O Sismo de 1755, também conhecido por Terramoto de 1755, ocorreu no dia 1 de novembro de 1755, resultando na destruição quase completa da cidade de Lisboa, especialmente na zona da Baixa, e atingindo ainda grande parte do litoral do Algarve e Setúbal.

(NOGUEIRA e PINHEIRO, 1994). Viu-se brevemente nas linhas acima que tanto os Guarani quanto os Potiguar e os Tabajara vivenciaram a exploração e a quase extinção promovida pela colonização.

No entanto, a semelhança entre estes não deve ser lembrada apenas pelo mal comum sofrido. Pelo contrário, os elementos que constituem sua espiritualidade também devem ser (re-)lembrados e comparados. Algo comum quanto a isso é o apego à sua terra e a complexidade e riqueza das categorias como deuses, terra prometida, messias, profecias e ritos que uma e outra possuem.

Alguns desses elementos foram captados pelos escritores quer europeus, quer brasileiros na literatura produzida entre nosso “Descobrimento” e nossa “Independência”. Ainda que caricaturados, crê-se que a leitura desses textos é um terreno fértil para estudos quanto à espiritualidade daqueles povos e seus resistentes descendentes hoje.

## REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade** – um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- CHAMORRO, Arguello. GRACIELA, Cândida. **Terra madura, yvy araguyje**: fundamento da palavra guarani. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.
- CLASTRES, Pierre. **A Fala Sagrada** – mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. São Paulo: Papyrus, 1990.
- ELÍADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FARIAS, Eliane. BARCELLOS, Lusival. **Memória Tabajara** – manifestação de fé e identidade étnica. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.
- GAMA, Basílio da. **O Uruguai**, disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2106](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2106), acesso em 29 set 2017.
- MOISÉS, Massaud. **Guia Prático de Análise Literária**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- NOGUEIRA, João. PINHEIRO, Paulo César. **Parceria** – João Nogueira e Paulo César Pinheiro, ao Vivo. 17 faixas, CD. São Paulo: Gravadora Velas, 1994.
- PACHECO DE OLIVEIRA, J.; FREIRE, C. A. R. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.
- SANTANA, Ana Lúcia. **Poesia Épica**, disponível em <https://www.infoescola.com/literatura/poesia-epica/>, acesso em 03 nov 2017.
- SURVIVAL INTERNATIONAL, **Os Guarani**, disponível em <https://www.survivalbrasil.org/povos/guarani>, acesso em 01 out 2017.
- SOUZA, H. J. **Como se faz análise de conjuntura**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- VILHENA, Maria Angela. **Ritos** – expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.